



O DIZER SOBRE OS HOSPÍCIOS E A REFORMA PSIQUIÁTRICA EM BARBACENA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Valéria Bergamini¹

Barbacena é um município mineiro denominado como cidade dos loucos e das rosas. Cidade dos loucos pelo reconhecimento centenário, devido ao exacerbado número de hospícios instaurados que lhe configuram como referência no tratamento psiquiátrico. Cidade das rosas, este título mais recente, talvez em uma tentativa de apagar o outro, uma vez que o município foi cenário de uma das mais atroz práticas contra internos em hospitais.

Alvo de denúncias, a cidade de Barbacena foi batizada como a “Sucursal do Inferno” por José Franco, repórter da Revista “O Cruzeiro”, na década de 1960. Quase vinte anos depois, em 1979, o jornal *Estado de Minas* publicou uma série reportagens intitulada “Nos porões da loucura”, nas quais o repórter Hiram Firmino denunciava as barbaridades cometidas contra os internos no maior hospício do país. No mesmo ano, o cineasta Helvécio Ratton registrou, no documentário “Em Nome da Razão”, o cotidiano desumano do Hospital Colônia, no qual mais de 60 mil pessoas morreram devido aos maus tratos a que eram submetidos. Por fim, em 2013, Daniela Arbex lança o livro “Holocausto Brasileiro”, no qual resgata as denúncias dos jornalistas supracitados, delimitando-se a acrescentar o destino de alguns sobreviventes da tragédia, após a reforma psiquiátrica.

Considerando, pois, que os holofotes parecem estar voltados ao passado do município de Barbacena ou, ainda, evidenciando serviços complementares à reforma psiquiátrica, como o Museu da Loucura, esta pesquisa se torna importante, principalmente, no que tange ao silenciamento sobre as condições dos seis hospitais psiquiátricos ainda existentes no município, bem como em relação ao imaginário quanto à reforma psiquiátrica, que faz ressignificar a cidade dos loucos e das rosas.

Para tanto, reconhecendo a importância de pesquisas nesta área, apresentamos como **objetivo** desta pesquisa, analisar o discurso sobre a loucura e a Reforma Psiquiátrica na cidade de Barbacena, designada como cidade dos loucos e das rosas, por meio da escuta de discursos jornalísticos com circulação na cidade. Neste sentido, delineamos como objetivos específicos: (1) a análise do imaginário sobre a reforma psiquiátrica e os programas implementados na cidade; (2) o funcionamento do imaginário e do silenciamento sobre os hospícios em funcionamento no município; (3) o silenciamento da “cidade dos loucos” em detrimento da “cidade das rosas”, nos dizeres que constituem nosso *corpus* de análise.

Neste contexto, para proceder à escuta da cidade, à escuta destes dizeres que muitas vezes se instauram pelo silêncio sobre a realidade dos hospitais psiquiátricos, a pesquisa é norteada por meio dos dispositivos teórico-metodológicos da Análise de Discurso (AD), de orientação francesa,

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem, UFF/IFSUDESTEMG.



fundada por Michel Pêcheux, a partir de suas contribuições bem como da pesquisadora brasileira Orlandi e seguidores.

Optamos por esta teoria e seus procedimentos metodológicos uma vez que, por meio da teoria da Análise do Discurso de linha francesa, é possível ultrapassar as evidências de um texto para então compreender os efeitos de sentido que se constituem no mesmo, enquanto estrutura e acontecimento. Busca-se, assim, considerar as condições em que foi produzido, ou seja, a exterioridade com que se relaciona, pois, todo dizer inscreve-se na relação com a memória. Portanto, entendemos que:

Os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. (ORLANDI, 2001, p. 30).

Assim, para compreender o acontecimento discursivo sobre a cidade dos loucos, elegemos como *corpus* recortes do Jornal local, denominado *Correio da Serra*, publicados entre 2001 e 2016, que apontem para discursos intrinsecamente relacionados ao imaginário sobre a reforma psiquiátrica, ao imaginário e ao silenciamento sobre os hospitais psiquiátricos. Sob um olhar analítico, apontamos as condições de produção neste período, sabendo que a imprensa é fortemente influenciada por fatores políticos e econômicos, considerando que o referido jornal é de propriedade da família do deputado Bonifácio Andrada, que foi conivente com o comércio de cadáveres de internos do Hospital Colônia para faculdades de medicina, de acordo com Firmino (1982, p. 87).

Mesmo diante desta crueldade, os discursos jornalísticos repetem que acontecimentos como estes ocupam um lugar somente no passado. Assim, o outro lado da história fica oculto, escondido em não ditos que se tornam visíveis na materialidade do discurso jornalístico que analisamos. É o que lemos na edição de número 417, datada em 12 de agosto 2006, cuja matéria intitulada como “*História viva: Museu da Loucura completa dez anos e promove o resgate da psiquiatria mineira*”, na qual se faz uma alusão salvífica a um poder que o museu não usufrui em decorrência da presunçosa afirmação do seu idealizador, Jairo Toledo, de que o Museu marcou o início da reforma psiquiátrica. Além disso, afirma que o Museu da Loucura:

SD1: resgata a trajetória de **antigos manicômios** e mostra um **pouco** do **passado** de Barbacena, que **hoje é** um **orgulho** para a cidade (...) **Barbacena é uma cidade que acolheu e soube amar os loucos** e hoje quer reverenciar seu **passado com orgulho**. (Jornal Correio da Serra, 12/08/2006, edição 417)

Partindo para uma análise discursiva, observamos que, ao flexionar **manicômio** no plural, o idealizador do Museu da Loucura, Jairo Toledo, então vice-prefeito da cidade e ex-diretor do hospital Colônia, desvia o foco deste estabelecimento para outros. Além disso, os efeitos de sentido aqui refletem uma contradição: ao dizer **antigos** manicômios temos, como contraponto, **os novos**



manicômios. Ou seja, enquanto funcionamento discursivo repete como o hospital "**era**" e como o hospital "**é**", uma alusão ao **mesmo** e ao **diferente**, uma substituição da cidade dos **loucos** pela cidade das **rosas**.

Entretanto, por duas vezes Jairo Toledo repete e associa "**passado**" e "**orgulho**", silenciando, no discurso, os maus tratos aos internos do Hospital Colônia e demais hospícios. Afirma que Barbacena é, neste mesmo tempo verbal, uma cidade que amou os internos, que ali enfrentaram condições desumanas de sobrevivência. Como então se orgulhar deste passado? Ou melhor, o que se sustenta neste dizer?

Em resposta, podemos observar, por meio da análise do discurso, deslocamentos na rede de sentidos e o silenciamento de outros, de acordo com a posição ideológica vigente, corroborando Mariani (1999, p. 109), ao afirmar que: "a formação da opinião pública e a construção da memória social são processos históricos que se realizam através de funcionamentos discursivos de contradição, repetição e indeterminação". Ainda para a mesma autora: "Cada leitura do cotidiano produzida pelos jornais corresponde à exclusão de parte da rede de pequenos e grandes acontecimentos que compõe a história de uma formação social". (1999, p. 111).

Desta forma, mais uma vez, o discurso sobre o museu repete-se apagando o presente. Assim as crianças de Barbacena e, também, a maioria de seus adultos, parecem desconhecer o que acontece na cidade atualmente, como se as atrocidades tivessem sido enterradas no inexistente memorial das rosas. É o que observamos na edição número 434, de 09 dezembro 2006, que apresenta o relato de uma criança após visitar museus da cidade, entre eles o da loucura:

SD2: "fui para casa e contei tudo para minha mãe o que aprendi quando **eram** os velhos tempos aqui em Barbacena". (Jornal Correio da Serra, 09/12/2006, edição 434)

Os efeitos de sentido aqui refletem uma questão temporal: a cidade de Barbacena ontem e a cidade de Barbacena hoje. Mais uma contradição que a Análise do Discurso nos permite enxergar que os dizeres do Museu trazem efeitos do imaginário sobre a Reforma Psiquiátrica como se outrora Barbacena fosse completamente diferente, ou melhor, aquilo que se pensa hoje. A propósito, na edição de número 527, o Jornal Correio da Serra, em 9 de maio de 2009, publica uma reportagem intitulada "FAME cria Instituto de Psiquiatria e Estudos de Saúde Mental: Tragédia em Barbacena", na qual fazse referência à última cela retirada do Colônia em 1992, da seguinte forma:

SD3: um **troféu** para mostrar os **novos tempos** no hospital. (Jornal Correio da Serra, 09/05/2009, edição 527)

Os novos tempos seriam marcados pelo troféu que vem reforçar a ideia de que a criação do museu representa uma vitória ao passado atroz no qual centenas de pessoas foram trancafiadas, vítimas de um sistema ignóbil e injusto, por entre grades físicas e atitudinais que persistem até hoje. Mas a última cela, vista como um troféu, vem evidenciar o encerramento do passado. Porém, de acordo com Pêcheux, são as:



evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado 'queiram dizer o que realmente dizem' e que mascarem, assim, sob a 'transparência da linguagem', aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, [1975] 1988 p. 160).

Evidência que silencia aquilo que a Reforma Psiquiátrica não conseguiu mudar. Silencia as demais celas, os demais hospícios, as demais condições inadequadas de funcionamento dos mesmos. Apaga que outrora os políticos a quiseram assim. Enquanto discurso, evidencia no imaginário a ideia de uma cidade que nunca mais repetirá o passado, de uma cidade que se redimiou perante as atrocidades que seus gestores articularam.

Atrocidades que foram **relembradas** no livro de Arbex em 2013, mencionado, sem destaque, uma única vez pelo jornal, no mesmo ano em que Toninho Andrada assume a prefeitura da cidade. Um silêncio se instaura sobre o viés da cidade dos loucos e as publicações foram retomadas somente por ocasião da solenidade de instalação de um novo tomógrafo no Hospital Geral de Barbacena, no qual o deputado Andrada esteve presente. Assim, na edição de número 756, de 4 de janeiro de 2014, em referência ao antigo Colônia que funcionara ali, Andrada fala sobre um passado recente:

SD4: "Esta é uma vitória, mas também um movimento justo. Por anos, Barbacena e este hospital receberam pacientes de toda a parte do país. O museu da loucura representa muito bem o **esforço** da cidade em receber essas **pessoas**". (Jornal Correio da Serra, 17/09/2013, edição 756)

Dizeres, estes, do mesmo deputado que foi conivente com a venda de cadáveres de internos do Colônia, tendo beneficiado a faculdade de medicina da cidade, da qual era proprietário. Dizeres que contradizem a história das atrocidades apresentada no mesmo museu que menciona. Dizeres que apagam o passado tal como ocorreu. Dizeres que apagam o presente da cidade que ainda é reconhecida como modelo psiquiátrico e ainda recebe pacientes de todo país em clínicas particulares difíceis de se inspecionar. Por isso, Barbacena não se desvincula da memória que a atrela à imagem de um hospital mesmo que se insista em substituí-lo por um museu.

Diizeres estes sobre o Museu que trazem efeitos do imaginário a respeito da reforma psiquiátrica, como se outrora Barbacena fosse completamente diferente do que se apresenta em seu acervo museológico. Efeitos de sentidos a Análise do Discurso nos permite enxergar, diante do contexto sócio histórico, cuja memória do dizer sobre o município se inscreve, ora como um lugar que sempre acolheu generosamente os sujeitos ditos loucos, ora como um lugar que enterra o passado atroz e se ressignifica como uma nova cidade, a "cidade das rosas".

REFERÊNCIAS

- FIRMINO, Hiram. **Nos porões da loucura**. Rio de Janeiro: Codecri. (Coleção Edições Pasquim), 1982.
- FREITAS, Reynaldo. **História viva: Museu da Loucura completa dez anos e promove o resgate da psiquiatria mineira**. *Jornal Correio da Serra*. Barbacena, p. 16, 12 de out. de 2006
- MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A Revolução de 30. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 1999



ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel (1988) [1975]. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Unicamp, 1988.